

Análise multidisciplinar da estagnação econômica da Região Platina – o caso da Metade Sul do Rio Grande do Sul

Dirce de Fátima Cattani Dutra*

RESUMO: O desenvolvimento econômico e social do Rio Grande do Sul apresentou, nas últimas décadas do Séc. XX, um processo intenso de desigualdade e disparidade regional que se caracteriza pelo empobrecimento de considerada parte de seu território, a denominada "Metade Sul". Este fenômeno tem sido tema de inúmeras pesquisas realizadas por estudiosos que se ocupam com a temática do desenvolvimento regional. Algumas políticas já foram implantadas no intuito de reconversão e correção dessa diferenças. No entanto, são poucos e ineficientes os resultados efetivos e o problema permanece crescendo e pouco explicado. A partir do estudo da integração econômica do Cone Sul se inicia uma análise regional ampliada em que o conceito de região transcende as convenções meramente políticas, e esta passa a ser definida pela suas peculiaridades comuns. Assim, o fenômeno da estagnação econômica precisa ser estudado em sua totalidade, ou seja, ele está presente não somente no RS e sim na denominada Região Platina (campanha do Rio Grande do Sul, campanha do Uruguai e região entre rios, na Argentina). Este trabalho se propõe a discutir a questão do baixo desenvolvimento da Região Platina centralizando seu foco em um primeiro momento sobre a Metade Sul do RS, a partir de uma análise multidisciplinar, tendo como hipótese básica de estudo a de que a estagnação econômica dessa região esteja ligada a questões referentes à problemática da construção da identidade regional como determinante da teia social existente, dentro da abordagem de capital social. O estudo tem evidenciado, nessa primeira etapa, uma forte possibilidade dessa hipótese ser verdadeira, o que pode vir a permitir um melhor entendimento sobre a questão e assim, contribuir para uma solução plausível.

Palavras-chaves: Metade Sul, capital social, identidade regional, desenvolvimento regional.

1. Introdução

Diante do processo de estagnação do desenvolvimento sócio-econômico que vem sofrendo a Metade Sul do estado do Rio Grande do Sul e dos problemas por ela gerados, faz-se necessário um maior aprofundamento e uma busca mais intensa sobre questões multidisciplinares, que possam nos conduzir a um melhor entendimento de tal processo. Essa situação também é percebida em toda a Região Platina, ou seja, a região da Campanha, no Uruguai e a região do Entre Rios, na Argentina, além da área brasileira.

Caracterizadas por uma economia tradicional com vocação agropastoril, essas regiões têm apresentado um cenário de estagnação e fraco desenvolvimento econômico, vindo a constituir-se palco de constantes preocupações tanto por parte de órgãos de seus Governos, como também por entidades de Pesquisa, como as Universidades.

* Economista, Mestre em Integração Latino-Americana, professora da Faculdade Metodista de Santa Maria - FAMES e professora substituta da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.
E-mail: dirce.cd@terra.com.br

No caso da Metade Sul do Rio Grande do Sul, a consolidação do Mercosul tem grande probabilidade de acentuar tal fenômeno, considerando que se trata de economia ligada ao setor primário, que apresenta, justamente, menor competitividade em relação aos outros parceiros do bloco.

Inúmeros autores já produziram suas teorias tentando identificar o elemento causador desse fenômeno, porém ainda não se determinou, de forma clara, qual é a causa principal, ou seja, aquilo que faz com que os recursos alocados com o intuito de desenvolver economicamente a região não apresentem os efeitos esperados dentro da teoria econômica.

Assim, o que se pretende é, a partir de uma análise historiográfica da região tentar encontrar nos elementos formadores dessas sociedades, algum elo que as ligue à sua baixa performance econômica atual. A hipótese inicial é a de que isso esteja ocorrendo devido à formação de uma identidade regional específica fragmentária com relação ao estoque de capital social, ou seja, a teia social que se produziu, pelas suas especificidades identitárias tradicionais, estaria dificultando o desenvolvimento e o cultivo do espírito participativo e comunitário .

2. Referencial teórico

Utilizar-se-á como referencial de apoio teórico um aprofundamento nas questões identidade/alteridade desenvolvido pela historiografia, sobre a região, relacionando-as com a situação de baixo desenvolvimento da região e com o próprio conceito de desenvolvimento de um povo, a partir da idéia de Putnam (1993), que liga a existência do desenvolvimento regional a altos índices de tradições cívicas, ou seja, estoques de capital social.

Justifica-se esta abordagem a partir do conceito de identidade de um povo como um processo elaborado pelo seu imaginário social, pelo qual a sociedade vai compreender os processos diversos aos quais está inserida (Pesavento, 1993, p. 383). Ou seja, segundo essa autora:

A sociedade constitui-se como tal quando se atribui uma identidade, quando define e elabora para si uma imagem de Mundo e de si própria, tentando estabelecer uma rede de significações (1993 p.384).

Nesse sentido, o imaginário social ou o "concreto pensado" vai definir a forma pela qual uma sociedade vai responder diante de processos modernizantes e de desenvolvimento.

Sobre a importância do imaginário, José Murilo de Carvalho acrescenta:

É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. É por meio dele que se pode atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo (Carvalho, 1993, p.10).

Diante dos processos de globalização, formação de blocos econômicos, integração político-econômico e do grande desenvolvimento das comunicações (Internet, por exemplo) faz-se necessário o redimensionamento de vários conceitos onde a interdisciplinaridade impõe às ciências uma nova e global visão de conhecimento, exigindo do profissional um domínio profundo de sua área, como também, uma visão e interpretação global e integral do mundo e da sociedade (Padoin, 1999, p.368).

A importância e a necessidade da existência de uma identidade a que podemos chamar de “consciência coletiva”, que une os membros de uma comunidade e estabeleça seus ideais e objetivos, representa o cerne da idéia de nação, ou Estado-nação (Ortiz, 1997, p. 20). Para esse autor, os países latino-americanos enfrentam problemas nesse aspecto decorrentes da mistura de povos oriundos de horizontes distintos, dificultando a criação de uma unidade e o estabelecimento de uma identidade.

Para Maria Medianeira Padoin: “O imaginário é peça efetiva e eficaz do dispositivo de controle da vida coletiva” (1999, p.374).

Sobre o conceito de desenvolvimento econômico, nos deteremos na corrente que defende a existência de diferença entre desenvolvimento e crescimento econômico; que vê o crescimento como condição indispensável mas não suficiente. Essa corrente é defendida por Prebisch (1949), Furtado (1961), Hirshman (1974) e demais autores denominados *economistas do desenvolvimento*, segundo a qual o desenvolvimento envolve mudanças qualitativas no modo de vida das pessoas, das instituições e das estruturas produtivas, portanto, caracteriza-se pela transformação de uma economia arcaica em uma economia moderna, eficiente, oportunizando melhoria do nível de vida do conjunto da população (Souza, 1997, p. 20). Também se baseia esta análise na idéia de desenvolvimento shumpeteriana, ou seja, a que associa o desenvolvimento à ocorrência de uma descontinuidade do processo, quer pela introdução de uma nova tecnologia, nova forma de produzir, novo produto ou de um novo mercado, exigindo uma postura inovadora e empreendedora dos agentes econômicos envolvidos.

Para o conceito de capital social, toma-se a abordagem feita pelo Banco Mundial (2000, p. 129), que classifica as formas de capital social como: a) capital social como atributo individual definindo a capacidade de cooperação e confiança entre os indivíduos; b) capital social como a capacidade de formar associações e cooperativas de caráter horizontais e pouco hierárquicas; c) capital social como agente capaz de criar redes de conexões e, d) capital social como o ambiente institucional e político propício ao desenvolvimento da sociedade. Essas quatro categorias de capital social associadas ou não, podem definir o êxito, por exemplo, de uma política pública sobre essa sociedade. Com definição mais geral, toma-se a de que o capital social envolve o conjunto de recursos que um indivíduo ou grupo pode obter a partir de sua posição em uma rede de relações sociais estáveis (Adler & Kwon, 1999)..

3. A Região de estudo

Diante de um processo de integração como o Mercosul, é necessário se compreender o termo fronteira como elemento de aproximação, como elo de convivência entre os povos (Reichel et al, 1995, p. 3-68). É preciso abandonar-se à velha idéia que associa fronteira à guerra e à defesa do território; hoje, em um mundo globalizado, fica evidente que as relações internacionais entre os povos e Estados devem ser repensadas, e a percepção de fronteira como uma zona de intercâmbios econômicos e de integração humana é a que mais se alinha à nova ordem das relações internacionais.

Dentro dessa ótica, quando se procura entender um fenômeno sócio-econômico regional, é necessário buscarmos respostas além das fronteiras, colocando-nos em um ponto mais elevado de onde se possa ter uma visão espacial mais completa, ou seja, onde seja possível visualizar toda a região com características similares, quer econômicas como sociais e culturais. Dessa forma, justificamos a adoção, neste estudo, da chamada, pela historiografia, Região Platina ou espaço fronteiriço platino¹ onde prevaleceram as mesmas características, tanto em suas formações econômicas como atualmente, em suas formas de produção, hábitos e costumes.

Neste estudo, considerar-se-á para o conceito de Metade Sul², a chamada região da Campanha que compreende, segundo Fonseca (1983, p.27) os "municípios gaúchos ao sul de uma linha que parte de São Borja, no oeste, indo até Camaquã, às margens da Lagoa dos Patos". Esse autor usou uma metodologia própria para estabelecer tal divisão, baseado em que esta região de colonização ibérica representou a gênese da economia sul rio-grandense, onde apareceu o trabalho escravo, principalmente nas charqueadas. É a zona das estâncias, onde surgiu o peão, o agregado e outras parcerias, todas ligadas ao latifúndio.

4. A Região Platina e sua formação econômica e social

Através da História da Região Platina, pode-se perceber que a sua formação econômica foi basicamente ligada à pecuária, ao gado; primeiramente sendo arrebatado aos lotes, dos campos abertos onde procriavam livremente, e depois, através de um processo de organização dessa produção, em propriedades denominada estâncias³.

As historiadoras Heloisa Reichel e Ieda Gutfreind, entre os poucos historiadores que escrevem sobre essa região sem seccioná-la, afirmam:

¹ Reichel E Gutfreind (1995, p. 13). e Padoin, M M (1999, p. 369).

² A definição atual de Metade Sul corresponde a 103 municípios e é uma decisão do Governo do Estado (1993) e do governo Federal (1996), no momento de definir área de abrangência para o Reconvertul (Programa de Reconversão Econômica da Metade Sul). Atualmente a essa área vem se agregando outros municípios que, em decorrência dos efeitos da estagnação econômica da região vizinha começam a apresentar baixos índices e passam a necessitar, também, de alguma forma de reconversão. O exemplo disso são alguns municípios do Vale do Taquari que, atualmente são considerados pelo Reconvertul.

³ Esse termo identificava uma grande extensão de terra ocupada, onde o estancieiro se responsabilizava pela sua administração e integridade nacional (Reichel et al, 1996).

*Ao longo do séc. XVII, a Região do Prata passou a apresentar-se não só como uma via de acesso a Potosi, mas, também, como uma área onde se desenvolveu uma **economia própria** (grifo meu), baseada fundamentalmente na produção da pecuária.(Reichel e Gutfreind, 1996, p.112).*

A decadência da atividade açucareira no Nordeste brasileiro, no final do séc. XVII, deslocou para a zona das Gerais, através da mineração do ouro, o epicentro econômico colonial português. Esse fato veio desencadear no Sul da Colônia, um movimento de produção denominado subsidiário, pois visava abastecer o mercado interno criado pela mineração. Essa economia subsidiária movimentou toda a região platina, pois os movimentos de aprisionamento (preia) de gado xucro, e principalmente de mulas utilizadas para o transporte, levados até a zona mineradora e lá vendidos não se restringiam somente ao domínio português, pois era na Argentina que se encontravam mulas principalmente (criadas para abastecer Potosi). Assim, surgiu o interesse da Coroa portuguesa em promover o povoamento das terras ao sul de São Vicente até Sacramento (Pesavento, 1992, p. 15).

Mais tarde, por volta de 1737, a Coroa portuguesa intensificou a ocupação da área estabelecendo oficialmente a posse portuguesa da mesma com a fundação da Fortaleza-presídio de Jesus-Maria-José, em Rio Grande. A partir daí a ocupação portuguesa foi garantida através da distribuição de sesmarias a pessoas que contribuísse para a defesa da área. Assim, começou a se consolidar através do latifúndio, um processo de guarda fronteira.

Na formação social da Região Platina pode-se perceber a presença maciça do tropeiro de gado⁴. Elementos praticamente sem nacionalidade que reuniam os animais (os campos eram abertos) em mangueiras ou invernadas, para posterior transporte até aos compradores, normalmente pertenciam a bandos armados, pois essa atividade era feita sem organização tanto por portugueses como por castelhanos, o que não a caracterizava como uma atividade pacata e sim, podia se transformar em pequenas batalhas (Pesavento, 1992, p. 14).

Reichel e Gutfreind (1998) se referem a esses elementos da seguinte forma:

Para os habitantes da campanha, de modo geral, não importava se realizava a caça ao gado para espanhóis ou para portugueses. Vivendo nos campos e desvinculados das cidades, não possuíam identidade pátria que ultrapassasse a pampa. Esta consistia no seu mundo, não lhes importando se estivesse localizado em território desta ou daquela metrópole (Reichel e Gutfreind, 1998, p.133).

⁴ O termo “tropeiro de gado” identifica o elemento que aprisionava e conduzia o gado xucro, até os locais para venda.

À medida que esse processo desenvolvia-se, houve a necessidade de se organizar tal situação a fim de evitar a devastação do rebanho. Isso associado ao desejo português de conservar Sacramento fez com que a sua Coroa intensificasse um processo de ocupação do vasto território entre o Rio da Prata e Laguna. Assim, iniciou-se o processo de distribuição de sesmarias, definindo a posse da terra e do gado. Então os tropeiros que se sedentarizassem ou militares que dessem baixa poderiam receber sesmarias de terra, com o compromisso de retribuírem sob forma de serviços militares de defesa e de ocupação (Pesavento, 1982, p. 15).

Isto posto, podemos entender que o processo de formação sócio-econômico da Região Platina foi intimamente ligado à atividade pecuária e ao latifúndio, e a partir daí a forte identidade desta região, do homem montado em seu cavalo para domar ou laçar o gado, que depois vem manifestar-se e ambientalizar-se através da literatura, poesia e da própria historiografia.

A imagem deste elemento social formador com o “gaúcho” vai se construindo, através de seus costumes e hábitos, ora vislumbrados como cheios de bravura e coragem, ora ligando à personalidade inconstante deste. Porém, a imagem que perdura é a do gaúcho “bom”, bravo e defensor de grandes ideais, claro que através de um processo planejado.

5. O estabelecimento das fronteiras e a construção de uma identidade (seccionada)

A conformação atual das fronteiras platinas representa um processo que durou mais de 4 séculos. Tal processo foi marcado por inúmeras disputas, negociações, acordos e guerras. Isso marcou fortemente as relações entre os povos e culturas, na área platina. Também ocorreu uma inversão na ordem dos fatores, o sentimento nacional que deveria ter originado os Estados independentes, fora construído a partir do nascimento destes (Reichel et al, 1995, p. 36).

Na história brasileira, a formação do Estado do Rio Grande do Sul representa um dos capítulos mais recentes. Foi aqui que ocorreram os choques mais significativos entre portugueses e espanhóis, o que lhe conferiu desde o início, um tipo de cultura diferenciada da do resto do país. Segundo Guilhermino Cesar: “...a fisionomia do Rio Grande do Sul foi sempre a de uma fronteira em armas” (1969, p.29).

Soma-se a isso o fato de que, além de conflitos entre os colonizadores para demarcarem uma linha de fronteira, existiu também, a relação destes colonizadores com os povos nativos que, muitas vezes eram hostis, como os charruas, os minuanos, os pampas, os araucanas, que chegaram a lutar contra a dominação dos invasores (Reichel et al, 1995, p. 07).

Assim, a Região Platina foi marcada por inúmeros acontecimentos hostis e conflituos, onde povos muito semelhantes em suas formações são divididos em três nacionalidades através de um discurso que os antagonizava ao “outro”, pregando uma idéia de disputa e desprezo e de grandeza própria.

Surge daí uma forma de sociedade militarizada, não submissa, desapegada ao capital e com forte resistência ao modelo de produção capitalista. Que muitas vezes se confunde com o mito do “gaúcho” livre e forte e que se enclausura e resiste.

6. A formação identitária

Como já dito anteriormente, a construção de uma identidade nacional, onde o povo se identifica com um ideal, ou seja, a elaboração de um imaginário, representa parte essencial na legitimação de qualquer regime político (Carvalho, 1993, p. 10). Aconteceu com a França, nas várias fases da Revolução Francesa, e também no Brasil, com a “invenção” da identidade brasileira. Num processo dessa natureza, os homens que vivem marcados por uma especificidade de tempo e espaço regionais, são integrados ao todo nacional (Ortiz, 1997, p. 20).

O surgimento da identidade nacional coincide com a formação da nação, e este está vinculado à idéia de modernidade; isto para Ortiz (1997, p.21) cria uma problemática: a nação moderna pressupõe a idéia de progresso e dadas as especificidades encontradas na América Latina, oriundas da mestiçagem de seu povo, vão gerar uma contradição entre o real e o ideal, entre o que se é e o que se deseja ser. Esta contradição vai permear a construção das identidades latinas. O imaginário social vai representar a imaginação do ideal.

Este representa o primeiro entrave na criação da identidade nacional brasileira, mais especificamente a identidade sul-riograndense.

Para Pesavento: “...as representações do real não são obrigatoriamente o reflexo do real” (1993, p. 384). Para essa autora, o imaginário social enquanto representação, pode ser considerado uma invenção absoluta, algo criado, desde que seja crível, desejado e aceito. Assim, o imaginário pode transcender as fronteiras do racional, alcançando o simbólico, o sonho e a utopia, o que não o torna simples fantasia; é, isto sim, a representação do real idealizado, desejado, valorizado.

Dessa forma se conformam as identidades regionais e nacionais.

Sobre a construção imaginária da sociedade gaúcha Pesavento (1993, p. 386), diz que esta articulou-se em torno de alguns elementos fundamentais, ou melhor, da elaboração de um discurso e representação de imagens em torno desses elementos que são: o mito das origens, a articulação personagem/paisagem, a opção político/ideológica e a identificação entre autor/público ⁵.

Para Maria Medianeira Padoin, tanto o discurso político das elites sul-riograndenses como as relações sociais existentes na região, foram os criadores e mantenedores da identidade regional até os dias atuais. Essa autora enfatiza:

⁵ Um melhor entendimento desses quatro elementos pode ser visto em “A invenção da Sociedade Gaúcha” da autora

O contexto econômico, político, social e geográfico contribui diretamente nas relações sociais que se estabeleceram no Rio Grande do Sul, e na construção de sua identidade regional (1999, p. 375).

Diante dessas evidências, percebemos que a tomada do “gaúcho” como elemento central da identidade sul-riograndense representa uma construção, em parte, por uma elite intelectual que a sedimenta pela literatura e historiografia, e que visa atender a uma elite política dominante representada pela República castilhist/borgista.

Assim, a chamada “nação gaúcha” que hoje vemos, forjada em cima de valores imaginários de uma sociedade militarizada e caudilhist que, através da atividade pecuária se consolida latifundiária, mais para atender aos anseios de ocupação da Coroa portuguesa do que como opção econômica, mostra-se incapaz de responder satisfatoriamente aos novos rumos da sociedade moderna.

Touraine (1992, p. 319) chama de identidade artificial àquela identidade que se forma a partir de um sentimento de resistência à modernidade, onde os valores tradicionais são resgatados numa compreensão romântica.

Citando Pesavento outra vez: “...a tradição coloca-se como o inverso do progresso, da razão e da modernidade...” (1993, p.391). Todo o processo de modernização ocasiona rupturas com o passado, se este passado é resgatado (mesmo que a imaginação dele) e mantido como um símbolo de altivez, virtude e bravura, logo a modernização será encarada como uma invasão e uma ameaça.

Voltando a Renato Ortiz, quando este autor se refere à Revolução Industrial, como o início da modernidade:

O mundo industrial reformula inteiramente as condições até então existentes; as mudanças - industrialização, urbanização, nascimento de novas classes sociais – implicam a rearticulação do próprio tecido social (1997, p.21).

Seguindo nessa linha de pensamento e lembrando o que disse Alain Touraine, pode-se imaginar que a identidade do gaúcho da região da campanha, hoje, funciona como uma espécie de identidade artificial que tem como finalidade uma reação contrária à modernidade. O apego à tradição, o desenvolver do mito do gaúcho livre “sem rei, sem fé e sem lei” representa a própria negação a um modelo de mercado, a um mundo moderno e industrial.

Outro aspecto relevante é o forte apelo ao passado. A sociedade tem o passado pela frente, pois sua identidade fora construída em cima do arquétipo rural do período colonial; este é o elemento resgatado romanticamente, significando a firmeza de caráter, a defesa de ideais nobres e a liberdade.

Sendo um povo que apresentou certas especificidades em sua formação, como o caráter de delimitar e marcar um território, o de ocupação, o de guardião de uma fronteira nacional, “sentinela da querência”, etc, logo militarizado, voltado para a defesa, não abstraiu plenamente a idéia de uma nova economia, reagiu e está reagindo de forma não

satisfatória à modernização da produção, à industrialização, preferindo permanecer se utilizando de uma forma de economia de subsistência que há muito lhes serve.

Sabemos que os povos reagem diante da modernidade de acordo com a sua cultura social, sua visão de progresso e de desenvolvimento, sua consciência coletiva, pois. No caso da Metade sul, há autores que diagnosticam a estagnação ligando à existência, na região, de uma cultura empresarial conservadora “avessa à riscos e pouco propensa à inovação” (Bandeira, 1999, p. 9). Segundo esse autor, esse fator foi decisivo na ocorrência de uma elevada especialização na economia da região.

Bandeira (1999) afirma que a predominância da pecuária ao longo da história da região, aliada à presença do latifúndio engendrou uma espécie de sociedade também especializada, onde poucos indivíduos desenvolveram aptidão ou formação adequadas para envolverem-se com outros tipos de empreendimentos.

Uma questão importante levantada por Bandeira (1999) é que não se pode vincular a estagnação econômica da região em questão, tão somente à crise da pecuária (crise das charqueadas e depois, frigoríficos) que se constituía a sua base exportadora; para esse autor, quando uma região começa a enfrentar problemas com uma atividade determinada, inicia-se um processo imediato de reconversão onde os agentes econômicos buscam outras alternativas viabilizando a retomada do crescimento (Bandeira, 1999, p.2). Esse parece não ter sido o que ocorreu com a Metade Sul, pois após inúmeros esforços de reconversão, a baixa diversificação persiste, e “a região mostra-se incapaz de renovar e transformar sua base econômica”.

Em sua análise, Bandeira atribui o comportamento apresentado pelos agentes econômicos da região a uma forma específica de racionalidade econômica, onde os agentes decidem por soluções satisfatórias e não necessariamente ótimas, considerando o grau de incertezas que ambas apresentam ⁶. Especificamente, Bandeira diz o seguinte:

Os pecuaristas gaúchos seriam, portanto, na sua maior parte, “satisficers” que preferiam uma rentabilidade mais baixa, porém segura, a enfrentar riscos de perdas de capital implícitos nos investimentos necessários para a adoção de inovações tecnológicas caras ou para a introdução de linhas de produção alternativas (Bandeira, 1999, p. 9).

Porém, esse tipo de comportamento dos agentes econômicos não parece adequado ao tipo de sociedade em que se enquadra a Metade Sul. Esse comportamento é mais freqüente em sociedades mais desenvolvidas e amadurecidas, onde a solução satisfatória não levaria à estagnação e sim à obtenção de lucros menores, porém mais certos. Diante disso, não se pode considerar esse conceito em sua plenitude quando analisamos a Metade Sul do Rio Grande do Sul e sua sociedade regional. Sabemos que o comportamento observado nesta região possui “links” mais complexos e de difícil entendimento.

⁶ Sobre essa teoria, o autor citou Herbert Simon, em “Models of Man” (1957).

A resistência à modernização, a manutenção de um regime de produção pré-capitalista, a não diversificação econômica e não introdução de novas tecnologias vai desencadear na região, grandes dificuldades de inserção econômica com êxito, tornando infrutíferas as tentativas de reconversão vias políticas públicas.

7. Um novo enfoque

A partir dos trabalhos de Putnam, desde 1993, que passa a relacionar o desempenho econômico de regiões da Itália à existência de maiores graus de tradições cívicas, que vieram a contribuir para a acumulação de um maior estoque de capital social nessas áreas, definindo uma densa malha associativista caracterizada por um padrão horizontal de relações sociais, pode-se fazer uma inferência, nesse sentido, sobre a região em estudo, neste trabalho, a Metade Sul do Rio Grande do Sul.

Fica evidente, após a análise historiográfica desenvolvida, a dificuldade que a região apresenta quanto aos níveis de capital social solicitados para que se inicie um processo de desenvolvimento duradouro. A identidade construída e mantida alimenta formas de relações sociais do tipo vertical, hierárquicas, pouco participativa e menos ainda, comunitária.

Além de todas as questões já citadas como, por exemplo, "defensores da fronteira", "guardiões de sesmarias", as varias guerras, a militarização, tudo isso regatado na forma de tradição enobrecedora e amplamente valorizada na formação da identidade, existiu, também a questão da ampla escravidão ocorrida nessa região. Todos esses fatores resultaram em uma sociedade fracamente entrelaçada. Ou seja, as relações sempre foram de desconfiança e não-cooperação, e mesmo atualmente, quando o mundo se globaliza e as relações se intensificam, a região apresenta uma forte identidade que resgata os valores passados, fazendo a permanecer submersa em uma estrutura extremamente fraca de ligações propícias ao associativismo, restringido sobremaneira o surgimento de uma sociedade cívica.

Pode-se citar aqui, a pesquisa empírica desenvolvida no LABORS/UFRGS (2001) sobre os fatores de natureza política, social e cultural que se encontram associados às desigualdades econômicas entre as regiões do Rio Grande do Sul, na qual se considerou a questão do estoque de capital social existente na região.

De acordo com os resultados dessa pesquisa, fica extremamente fortalecida a hipótese de que a estagnação econômica da região esteja diretamente ligada ao fraco encadeamento social existente, tais como baixa cultura associativa, tendência a valorizar diferenças (notadamente as econômicas e educacionais), baixo convívio social, etc.

8. Considerações finais

Em forma de considerações finais deste trabalho pode-se ressaltar alguns aspectos que podem ser importantes diante do processo integracionista do Mercosul. Tais aspectos estão ligados à existência de origens semelhantes para a Região Platina, ou seja, um passado que apresentou um forte intercâmbio econômico e comercial, uma vez superadas as hostilidades decorrentes mais do sistema do que pela convivência de seus povos, pode ser retomado.

Quanto ao principal objetivo deste trabalho, qual seja buscar uma explicação para o baixo desenvolvimento sócio-econômico apresentado pela região, através das relações abstratas de uma identidade específica e conseqüentemente, níveis inadequados de capital social, é possível se dizer que existem fortes indícios de que essa identidade específica esteja bloqueado os processos de modernização da sociedade, impedindo que esta usufrua das inter-relações e articulações que possibilita o mundo contemporâneo, ou seja, esteja perpetuando uma sociedade com baixo níveis de capital social.

Assim, a construção da identidade do gaúcho, no caso específico da Metade Sul, dentro de uma concepção romântica, onde se busca num passado imaginário a figura do “gaúcho” como símbolo de grandeza e bravura, pode estar distanciando o elemento social de buscar ser grande e bravo, no presente.

Pode-se questionar de que todo o Estado do Rio Grande do Sul foi palco dessa “construção” e por que somente a região da Campanha apresenta esse fenômeno? A resposta seria devido à ocorrência de certas especificidades nesta região, que a diferencia, na origem, da sociedade do resto do Estado. Entra aí a questão da fronteira em movimento, da disputa, da necessidade de demarcar e proteger o território, isto é, da defesa. Também, na Campanha, é pouquíssima a influência da imigração alemã e italiana. Em outras palavras, na Região da Campanha, a identificação com o mito do gaúcho é muito maior e mais real.

Não queremos negar a importância da existência de uma identidade para que um povo se desenvolva e se defina como tal. O que estamos questionando é a forma como acontece a manifestação dessa identidade, na região, ou seja, essa sociedade regional não está abstraindo de forma satisfatória, a própria idéia de desenvolvimento, de progresso, de crescimento e de bem-estar.

Entendemos que a reversão desse quadro somente se viabiliza pelo Estado, através de um processo educacional, em que se trabalhe a questão do capital social: o convívio, a confiança recíproca, o “baixar as armas”, o associativismo, a capacidade de estreitar os laços entre os indivíduos e um ambiente institucional mais dinâmico. O despertar de uma nova consciência voltada para a aceitação e busca de novas conquistas, onde questões como a preservação ambiental, a equidade social, o aumento do bem-estar, pautem as ações.

Este trabalho, de forma nenhuma se esgota aqui. Ao contrário, ele veio para desencadear uma discussão que necessita ser feita para que se possa entender a dinâmica desse processo de estagnação que cresce dia a dia, na Região Platina.

9. Bibliografia

ADLER, P.S & KWON, S.W. **Social Capital:** the good, the bad, and the ugly. Working paper. Disponível no site <http://www.ssrn.com>.

BANDEIRA, Pedro Silveira. As Raízes Históricas do Declínio da Região Sul do Rio Grande do Sul. In: **Segundas Jornadas de História Econômica...Anais**. Montevideu, Universidad de La República, 1999. CD-ROM.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

CESAR, Guilhermino. As raízes históricas. In: **Rio Grande do Sul, Terra e Povo**. Porto Alegre: Ed. Globo, 1963.

FONSECA, Pedro. **RS: economia e conflitos políticos na República Velha**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

LOVE, Joseph. **O regionalismo gaúcho**. São Paulo: Perspectiva, 1975

MORAES, Maria Inês. Dos versiones sobre las transformaciones económicas y sociales del medio rural uruguayo entre 1860-1914. In: **Segundas Jornadas de História Econômica...Anais**. Montevideu, Universidad de La República, 1999. CD-ROM.

ORTIZ, Renato. **Cultura, modernidade e identidade**. In: SCARLATO et al (Orgs.). São Paulo: ed.Hucitec, 1997. pp. 20-27.

PADOIN, Maria Medianeira. Cultura rio-grandense – o gaúcho e a identidade regional. In: QUEVEDO, Júlio (Org.). **Rio Grande do Sul: quatro séculos de história**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1999.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano – Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

_____. A Invenção da Sociedade Gaúcha. In: **Ensaio FEE**, n. (14) 2. Porto Alegre, 1993, pp: 383-396.

_____. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 6ª ed., 1992.

PUTNAM, R. **Bowling alone: the collapse and revival of American community**. New York: Simon & Schuster, 2000.

PUTNAM, R. **Making democracy work: civic traditions in modern Italy**. Princeton: Princeton University, 1993.

REICHEL, Heloisa Jochims e GUTFREIND, Ieda. **Fronteira e guerras no Prata**. São Paulo: Atual, 1995.

_____. **As raízes históricas do Mercosul: a Região Platina colonial**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1996.

SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 1997.

TOURAINÉ, Alain. **Crítica à Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1992.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Desenvolvimento regional, cultura política e capital social**, pesquisa empírica como subsídio à atividade parlamentar no Rio Grande do Sul. Laboratório de Observação social – LABORS- IFCH, Porto Alegre, 2001.